

CARVALHO DA SILVA CO-ORGANIZADOR DO CONGRESSO DEMOCRÁTICO DAS ALTERNATIVAS

‘Só um regime autoritário pode impor segundo pacote de resgate’

Manuel A. Magalhães
manuel.a.magalhaes@sol.pt

Congresso das Alternativas é o primeiro passo para mudar de governantes, com ‘entendimentos alargados’ à esquerda. Mas os taticismos partidários seriam fatais, avisa.

A convocatória do Congresso Democrático das Alternativas, que co-assina, diz ser «fundamental denunciar o memorando com a *troika*». Isso significa rasgá-lo? Quem defendeu o termo ‘denunciar’ foram juristas... havia várias outras hipóteses e tivemos cuidado com a formulação.

Se o significado é jurídico então é mesmo não cumprir, ou seja, rasgar. Não é bem assim. Não cumprir o memorando é a interpretação mais ‘dura’. E é preciso sublinhar que na mesma frase se acrescenta que é preciso «abrir uma negociação com todos os credores para a reestruturação da dívida pública». A parte da renegociação é fundamental.

O congresso é a repetição de outros ‘encontros das esquerdas’? Tem o apoio de Manuel Alegre, a participação em massa do BE...

É absurdo comparar o congresso com o que aconteceu na Aula Magna. Manuel Alegre, Mário Soares e os líderes partidários foram informados, mas há que lhes perguntar a eles se apoiam o congresso. Eu não posso falar por eles, aliás, nesta entrevista falo apenas por mim. Mas posso esclari-

recer que não há nesta iniciativa agendas escondidas ou tentativas de nos impormos aos partidos, ou de os federar.

O PCP pôs-se à margem e disse que vê com reservas este congresso. Não é um mau começo? Não vou fazer qualquer apreciação individualizada dos par-

“

Ai de nós se há agendas escondidas! Não pode haver taticismos

Do PS prefiro pensar positivo, ou seja que fará melhor do que até aqui

”

tidos. Qualquer pronunciamento só pode gerar guerras. Seria uma tontaria – matávamos o nosso objectivo! Não quero dar lições aos partidos. Vai ser preciso encontrar novas dinâmicas, denominadores comuns à esquerda e reforçá-la. Mesmo que os entendimentos tenham de ultrapassar a esquerda e impliquem entendimentos alargados noutras áreas políticas – por interesse patriótico. Os tempos que vivemos são únicos e gravíssimos.

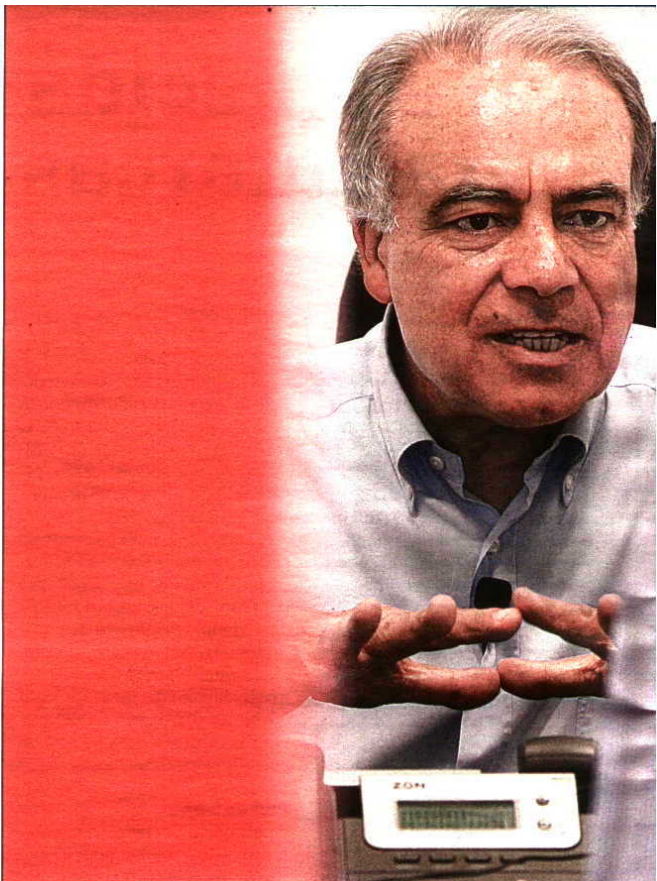
A esquerda nunca conseguiu governar junta. É suficiente resistir, protestar?

Portugal só sai do buraco em que está com outros mandantes políticos. E o reforço da esquerda é fundamental, imprescindível, para isso acontecer.

Isso passa por alianças nas autarquias? Por encontrar já um candidato presidencial?

As respostas eleitorais competem aos partidos. Neste momento não é isso que está em causa. O tempo é de construção de alternativas que minorem o sofrimento dos portugueses. Quanto aos objectivos do congresso, é natural que haja vários entendimentos e interesses sectoriais, contudo tem de haver uma linha de demarcação: Ai de nós se há agendas escondidas! Não pode haver taticismos.

MIGUEL SILVA



O Congresso é a 5 de Outubro. Até lá a esquerda faz o quê, quando se põe a hipótese de mais austeridade e há quem fale de novo pacote de resgate?

Seria preciso um Estado autoritário, um regime com componentes de autoritarismo, para impor um segundo memorando em Portugal. Espero que haja uma tomada de consciência crescente de que mais austeridade é inadmissível e que é uma mentira que os nossos credores tenham todos e mais alguns direitos. Devemos libertar-nos da ideia de que vivemos todos acima das nossas possibilidades. A esquerda deve ir formulando propostas que deem esperança às pessoas.

O que espera do PS? Os socialistas assinaram o acordo com a *troika* e têm-se comprometido com o seu cumprimento.

O apoio a um novo memorando com agravamento das condições de vida dos portugueses seria desastroso. Até agora, o PS e a social-democracia europeia não têm feito o suficiente para sacudir esta pressão neo-liberal que diz que vi-

vemos acima das nossas possibilidades e que o empobrecimento é o caminho necessário. Do PS prefiro pensar positivo, ou seja, que fará melhor do que até aqui.

Como vê o papel do Presidente da República?

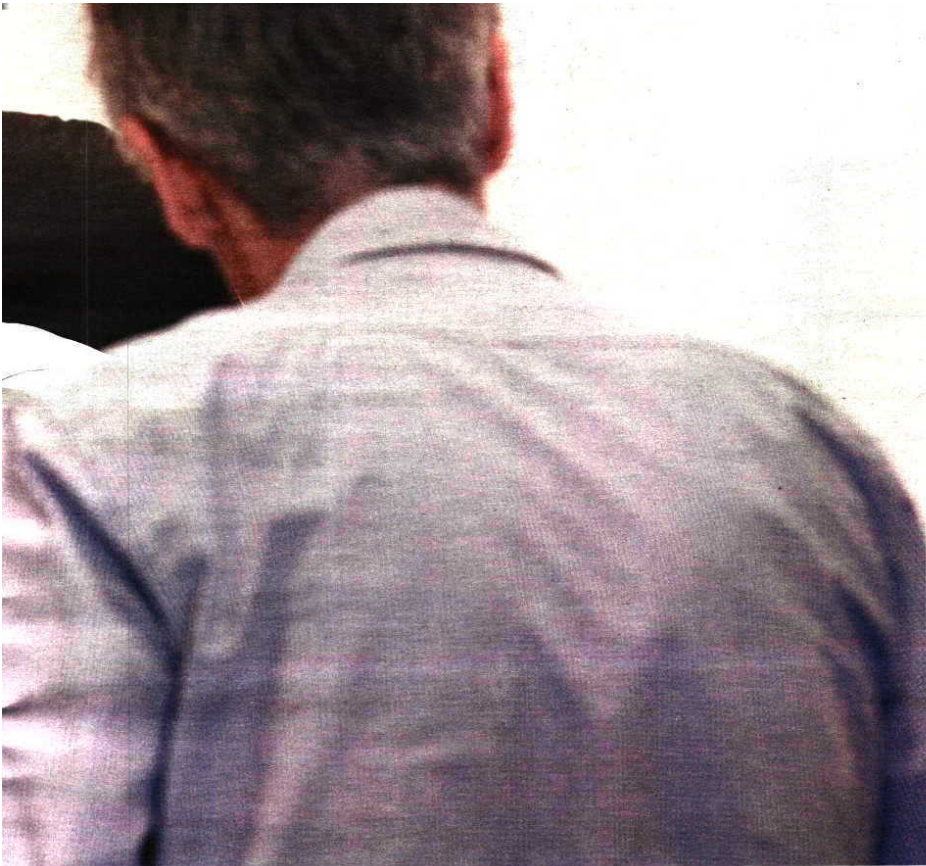
O Presidente da República faz uns discursos piedosos, mas não age quando é preciso. A Constituição é sistematicamente posta em causa e está em curso uma revisão do regime.

O facto de haver ‘um governo, uma maioria e um Presidente’ faz a diferença?

Temos um Presidente que converge com o Governo, mas infelizmente também há que registar a complacência e a cumplicidade do PS e o facto de termos um governo externo – a *troika*.

Se houver mais mudanças nas leis do trabalho, a UGT terá condições para aceitar a concertação social?

A UGT responderá. Mas não há um mínimo de diálogo social. Para Passos Coelho (disse-o na Festa do Pontal), o papel dos par-



ceiros é o de 'credibilizar a política das inevitabilidades'. Em 2008 fui a primeira pessoa em Portugal a usar a expressão 'retrocesso civilizacional'. Está a acontecer.

Os sindicatos têm capacidade de resistir?

Os sindicatos são as estruturas sociais mais perenes da sociedade moderna. Levaram 'porrada de criar bicho', mas resistiram a tudo desde o século XIX. Já foram testados pelo liberalismo e não desapareceram. Se os sindicatos forem encostados à parede – nomeadamente pondo em causa o direito à contratação colectiva – teremos um descalabro na sociedade.

Concorda com a intensificação da luta da CGTP? É esse o caminho?

Não queremos que os sindicatos tenham resultados imediatos. As pessoas começam a perceber que não se está numa 'curva do caminho' e que as coisas não voltarão a ser como antes. E a mudança de política, a luta contra a ameaça liberal, tem de ser europeia.

Toque a reunir

Chamaram-lhe Congresso Democrático das Alternativas e veio agitar as águas da esquerda portuguesa, depois de quatro meses de reuniões em segredo, começando com um pequeno núcleo de figuras. Miguel Portas ainda participou no embrião do movimento que tem em Carvalho da Silva uma figura agregadora. Formalmente, o ex-líder da CGTP é militante do PCP, mas é um símbolo do movimento sindical e vaticina-lhe uma candidatura a Belém, contando com simpatias que vão do BE a Mário Soares. O manifesto do congresso, marcado simbolicamente para o 5 de Outubro, Dia da República, apela a «cidadãos e cidadãs» que se empenhem a «debater e construir em conjunto uma alternativa à política de desastre nacional consagrada no memorando da *troika*». O objectivo é o de fazer «convergir na acção política para o verdadeiro resgate democrático de Portugal». Dezenas de notáveis à esquerda já o assinaram – de militares de Abril, como Vasco Lourenço, a vários dirigentes do BE, com João Semedo à cabeça. Oito deputados socialistas também o fizeram. Pedro Nuno Santos e João Galamba subcrevem a necessidade de «denunciar» o acordo da *troika*, o ponto mais polémico de um manifesto anti-austeridade. Rapidamente se demarcaram, porém, da sugestão de quererem 'rasgar' o memorando. A direcção do PS tem mantido uma posição neutra. Jerónimo de Sousa, ao invés, lançou um aviso, após alguns comunistas terem assinado o texto: o PCP «considera necessário desde já registar a sua clara reserva quanto à sua natureza e origem». M.A.M.

'Syriza não iria mudar a Europa'

A direita liberal está a destruir a Europa, que não voltará atrás.

Uma vitória da Syriza na Grécia teria feito a diferença?

Não seria uma vitória da Syriza que mudaria o rumo da Europa. Não seria suficiente. A crise é sistémica, pôs em causa o projecto de harmonização social no progresso que era o nosso contrato social europeu. Resulta do domínio da direita e da extrema-direita na Europa. A submissão ao neo-liberalismo ameaça a subsistência da Europa. Pôs, por exemplo, em causa o acesso às matérias-primas nas próximas décadas.

François Hollande também veio trazer esperança à esquerda. Mas já começa a matizar a sua agenda anti-liberal...

A reacção às forças financeiras que controlam o poder político, que tomaram conta dos destinos dos povos, tem de ser mais ampla. Saudar a vitória eleitoral de Hollande não significa apostar que as coisas vão mudar a nível europeu. Insisto, as pessoas têm de ter consciência que o que era antes não vai voltar a ser, que a crise não vai passar, depois de um aperto, de um momento difícil. O modelo de uma União Europeia baseada em objectivos democráticos e de justiça social está neste momento afastado.

Em Portugal, a derrapagem do Orçamento parece colocar em causa o ministro das Finanças. O fim da infabilidade de Vítor Gaspar é um motivo de contentamento para a esquerda?

O Governo não falha porque o ministro das Finanças é menos competente. Admito, aliás, que Vítor Gaspar saiba fazer contas (risos). O problema não é esse. A base do falhanço não é de natureza tecnocrática. É política. Gaspar falha porque a governação assente na austeridade, no aumento das desigualdades e da recessão, é um rumo de falhanço.

O senhor veio dirigir o núcleo de Lisboa do CES, a convite de Boaven-

tura Sousa Santos. O que o ocupa neste momento?

Olhe, estamos a organizar uma escola de Verão, sobre o tema Secularismo, Género e Democracia. Neste momento, temos a casa cheia de estrangeiros, sobretudo jovens. E um dos sociólogos mais conhecidos, Veit Bader, é um dos oradores deste curso.

Qual é a actividade principal do núcleo do CES?

Dar formação avançada, em várias áreas específicas. Criámos um ob-

“

O modelo de uma UE baseada em objectivos de justiça social está afastado

”

servatório sobre Crise e Alternativa, vamos, muito em breve, ter uma acção para jornalistas.

O senhor está disponível para ser candidato presidencial?

De forma clara e inequívoca digo que não estamos em momento de discutir presidenciais. O que quero é dar um modesto contributo para este congresso. E fazer meu trabalho no Centro de Estudos Sociais.

Deixou de ser secretário-geral da CGTP no final do ano passado. Que balanço faz da liderança de Arménio Carlos?

Não faço apreciações individuais. A direcção da CGTP merece a minha solidariedade e confiança. E eu estou sempre disponível para participar no que me for pedido.

